

ARTHUR RAMOS: A PSICOLOGIA E A PSICANÁLISE A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO (Rio de Janeiro 1930 – 1940).

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia¹

INTRODUÇÃO

Arthur Ramos foi um intelectual de prodigiosa produção bibliográfica. Segundo uma de suas biógrafas (Lages, 1997)² o autor alagoano deixou em torno de 500 trabalhos publicados entre livros, artigos de jornais, artigos em periódicos científicos e outras publicações. O que mais chama a atenção foi a quantidade considerável de trabalhos em uma vida relativamente curta (1903-1946). Tudo indica que sua atividade intelectual começou muito cedo em seu estado natal, continuou na Bahia, onde concluiu sua formação universitária e chegou até o Rio de Janeiro. Na então capital da República recém criada, Ramos viveu a fase mais próspera de sua existência. Dividia seu tempo entre a medicina, a academia como professor, as pesquisas no campo da antropologia e seus estudos sobre psicanálise, psicologia social e a psiquiatria.

Sem dúvida tratava-se de um homem inquieto, preocupado com os destinos de seu país e da sua gente, principalmente com aqueles que apareciam em desvantagens devido às péssimas condições sociais do Brasil, as injustiças históricas cometidas pelos brancos colonizadores e da incompreensão de muitos estudiosos contemporâneos seus que insistiam em referir a estas populações como inferiores, atrasados e selvagens. Quando não atribuíam a estas populações a responsabilidade pelo atraso econômico e social da nação, assim passavam a defender a idéia do branqueamento da sociedade com a entrada dos imigrantes europeus. Combateu o estas visões racistas e preconceituosas que atuaram nas primeiras décadas do século XX no país.

O que mais chama a atenção para todos aqueles que estudam as obras de Arthur Ramos era seu aguçado senso crítico diante das mazelas sociais que vivia a

¹ Aluno do PPGE - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Paulo

² Lily Lages. Arthur Ramos e a sua luta contra o racismo. Rio de Janeiro, 1997. A autora que também é médica narrou as lutas do autor contra o preconceito racial no Brasil. Outra biógrafa conhecida é Marilu Gusmão autora de “Arthur Ramos: o homem e a obra. Maceió, 1974.

maioria do povo brasileiro, especialmente do Rio de Janeiro. Além da defesa constante dos negros e índios vistos como portadores de uma cultura e de uma forma de se relacionarem com o mundo que deveria ser estudada e preservada dentro das regras do método científico antropológico. Ramos não era um pesquisador de gabinetes. Em seu tempo livre, fora dos hospitais ou das salas de aula, era um assíduo freqüentador dos terreiros de santo, tanto do período que viveu na Bahia como no Distrito Federal. Destes estudos surgiram trabalhos publicados no Brasil e no exterior. Correspondeu com pesquisadores norte-americanos e europeus e proferiu cursos nestes países. No Brasil também recebeu antropólogos estrangeiros interessados em conhecer a condição do negro brasileiro, a fim de produzirem estudos comparativos.

Após a morte de Arthur Ramos sua volumosa produção intelectual caiu no esquecimento da ciência nacional. A explicação para tal fato envolvia alguns fatores como as fortes críticas que sofreram os estudos culturalistas³. Embora Ramos nunca tivesse se declarado filiado a esta corrente do pensamento antropológico sua proximidade com Gilberto Freire levou alguns pesquisadores a taxarem de adepto da ideologia da democracia racial e assim negarem sua contribuição. O objetivo deste trabalho não foi aprofundar as discussões sobre esta temática, mas chamar a atenção para os equívocos cometidos nas últimas décadas. Além disso, procuramos apresentar Ramos como um intelectual aberto às diversas possibilidades do conhecimento científico, principalmente no campo da psicologia e da psicanálise e seu emprego na busca de soluções para a trágica realidade social do país.

1 Entre a psicanálise e a psicologia

Em termos mais amplos podemos dizer que nas primeiras décadas do século XX o Brasil, embora enfrentando diversos problemas sociais e políticos, apresentava alguns grupos de refinado nível intelectual que mantinha intensos contatos com o que mais recente surgia nos países europeus e Estados Unidos. A obra de

³ Escola antropológica norte-americana fundada por Franz Boas e que no Brasil teve como um de seus mais importantes representantes Gilberto Freire. O caracteriza esta corrente do pensamento antropológico e a valorização da cultura e das relações culturais como elemento essencial para o estudo dos grupos e sociedades humanas. A cultura era tida como a grande responsável pelo comportamento e a forma de pensar dos indivíduos nela inseridos, bem como da sua visão de mundo.

Sigmund Freud que estava sendo editada naquele período já era lida e discutida por diversos profissionais, especialmente os da medicina. Ramos chegou a trocar correspondências com o pioneiro da psicanálise.

Em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre chegaram a criar associações de psicanálise (Mokrejs, 1986), onde eram debatidos os mais diversos temas da área por meio de palestras, encontros e congressos. Além disso, publicavam os estudos e promoviam cursos para formação de psicanalistas. Em muitos casos as aulas eram ministradas por professores europeus convidados.

A psicanálise foi apenas uma das ciências que se destacaram entre os pensadores brasileiros. Podemos também citar o caso da psicologia, da antropologia, da medicina legal, da psiquiatria entre outras. Percebia-se uma confiança muito grande no poder das descobertas científicas para resolver os graves dramas da nação brasileira. O Estado, enquanto um agente de implantação e gestão das diversas políticas públicas, já era pensado, reivindicado e posto em prática. Várias destas experiências principalmente na área da educação foram muito efêmeras o que tornava difícil projetar seus resultados. Este foi o caso da reforma educacional de Anísio Teixeira no Rio de Janeiro e do próprio serviço chefiado por Arthur Ramos.

Intimamente relacionada com os estudos psicanalíticos estava a chamada área da higiene mental. Era muito comum que aqueles profissionais da medicina interessados em psicologia e psicanálise, também se dedicassem a esta nova modalidade do conhecimento científico da época. A higiene mental funcionava mais como uma forma de terapia, mas segundo o próprio Arthur Ramos sua principal função seria prevenir futuros casos de “desajustes” e “traumas” na infância que seriam mais difíceis de reverter em idade adulta. O próprio termo ortofrenia tinha a conotação de “corrigir” ou “consertar o que estava torto”. Em última instância a função maior do movimento higienista aplicado à saúde mental era prevenir e tratar dos sintomas ligados às perturbações mentais.

2 A psicologia aplicada a educação

Em seu livro *Introdução à psicologia social* que foi na realidade o curso ministrado por Arthur Ramos no segundo semestre de 1935 na Universidade do Distrito

Federal. A obra que foi publicada em 1936 e teve outras edições até a década de 1950. Os temas abordados iam desde os fundamentos da psicologia, passando pela interação mental, até as estruturas psico-sociais. O médico tratou das interações entre psicologia social, sociologia, psicanálise e antropologia. A teoria de Freud, a mentalidade primitiva, o caráter pré-lógico, a criança-problema, primitivo e loucura, inconsciente coletivo e tantos outros assuntos que o pesquisador trabalhou em outros diferentes trabalhos e que também estavam ali abordados. Em uma época em que os diferentes campos do conhecimento ainda estavam se estabelecendo era comum esta aparente confusão de temas.

De toda visão panorâmica da psicologia social, chegamos à conclusão que ela estuda três ordens gerais de fenômenos. Em primeiro lugar, a psicologia social estuda as bases psicológicas do comportamento social e por aí se aproxima da psicologia do indivíduo. Em seguida, estuda as inter-relações psicológicas na vida social. Torna-se então uma interpsicologia, no velho sentido de Tarde. Por fim, a psicologia social tem de considerar a influência total dos grupos sobre a personalidade do homem social (RAMOS, 1952, p 27)

A fim de facilitar o estudo da produção de Arthur Ramos no campo da psicologia social selecionamos aqui as referências feitas pelo pesquisador ao longo de sua obra aos temas: criança; escola e educação. Não é demais lembrar que quando o autor produziu este livro sobre psicologia social, ele estava ainda vinculado ao Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM). Grande parte de sua experiência na área educacional vinha do seu trabalho junto a este órgão do então Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE) do Departamento de Educação do Distrito Federal e mais tarde Secretaria de Educação.

A primeira referência dizia respeito aos impulsos de agressividade da criança, segundo Ramos o mesmo era fruto de desejos não satisfeitos que ocorre, por exemplo, quando uma criança pequena não é alimentada. Em uma vida civilizada a agressão teve que encontrar formas de ser culturalmente recalcada e desta forma impedir que o próximo fosse constantemente agredido. Neste aspecto, segundo o médico, a escola desempenha um papel fundamental.

Na escola na prática educativa, a política da paz é um capítulo da mais alta relevância. A “paz pela escola” é hoje uma grande tarefa e uma

grande esperança. Porque a “paz pela escola ensina as crianças a percorrerem as vias normais que levam à socialização de seus impulsos de agressão (RAMOS, 1952, p. 74)

Havia inclusive um projeto nas escolas do Rio de Janeiro deste período, cujo tema era este (Paz pela Escola), coordenado pelo Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE) do Distrito Federal durante a reforma de Anísio Teixeira. Mais uma vez a crença no poder do conhecimento científico para dar soluções para os problemas nacionais e em especial aos da educação era posto em prova. Não se tratava apenas de um projeto isolado que visava manter a harmonia nas escolas, mas uma intervenção pedagógica que tinha o amparo de pesquisas científicas que afirmavam a necessidade de educar a agressividade, ou em outras palavras de recalcar os comportamentos indesejáveis na vida social.

Para o médico alagoano, uma das funções mais importantes da escola e da higiene mental era garantir a plena integração da criança à sociedade. Baseando-se nos estudos de Jean Piaget, ele identificou três estágios de desenvolvimento da linguagem infantil que compreendia a repetição de palavras ou sílabas que criança ouve no seu ambiente de convívio, o monólogo em que o menor fala para si próprio e a monólogo a dois ou três. Nesta última fase as crianças falam mais de si e não estão preocupadas com as outras. Tratava-se da chamada linguagem egocêntrica que com a idade vai diminuindo cedendo lugar à linguagem socializada. Contudo mesmo o indivíduo na fase adulta pode manifestar traços de uma conversação egocêntrica, por isso a importância da psicanálise que se baseava na fala. Por meio da conversação era possível identificar os traços da personalidade.

Nas escolas os debates e diálogos eram incentivados como forma de acostumar as crianças a se manifestarem e ao mesmo tempo ouvirem os colegas. Ramos cita o exemplo das comunidades de conversa desenvolvido na escola experimental de Adler. Uma vez por semana as crianças eram estimuladas a conversarem entre si durante uma hora. No início tudo deveria ser controlado pelo professor, afim de que elas aprendessem a ouvir e falar. A autonomia só seria concedida à medida que o grupo se mostrasse capaz de assim proceder sem recorrer à anarquia e indisciplina. Para o professor esta era uma excelente oportunidade de conhecer melhor seus alunos e desta forma encontrar meios mais eficientes de lidar com sua personalidade.

Mas não somente no sentido normativo ou “prospectivo, à Adler, que a conversação tem tanta importância para o conhecimento da personalidade. Sabe-se que toda a psicanálise freudiana surgiu da “cura pela conversa” (talking cure), segundo a própria expressão de uma cliente do médico vienense. A palavra, como meio de comunicação intermental, transmite os desejos, as aspirações, as tendências da pessoa que fala. E não só da sua personalidade consciente. Há também processos ocultos, inconscientes, reveláveis a quem conheça a significação esotérica ou oculta das palavras. Porque há palavras cifradas, recados do inconsciente. E essa técnica de decifração (chiffrier-methode) é também uma modalidade de conversa, um “diálogo com o inconsciente” (RAMOS, 1952, p. 174).

Na realidade Arthur Ramos estava propondo que o professor das escolas públicas cariocas realizasse uma sessão de análise coletiva em sala de aula, identificando aí os possíveis problemas de seus alunos, para posteriormente traçar uma estratégia de ação. Não era por acaso que ele insistia na idéia de que os cursos de formação de professores tivessem uma disciplina dedicada à psicanálise. Havia a expectativa de que um mestre com formação adequada poderia identificar com mais rapidez os casos das crianças problema e desta forma prevenir possíveis casos de desajuste social dos menores. O professor com uma formação em psicanálise poderia identificar as crianças que apresentavam sinais de desajustes e sempre que possível resolver a questão sem a participação do higienista mental. Este só iria intervir nos casos em que o mestre considerasse mais grave. Toda esta preocupação em não atravessar o trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula era uma das características marcantes de Ramos. Como médico ele não tinha a intenção de intervir no interior das escolas e dizer aos professores como trabalhar, muito pelo contrário sua preocupação era garantir o apoio necessário para que os processos de ensino e aprendizagem transcorressem de forma adequada.

Havia uma considerável preocupação com o grupo familiar, pois era nele que a criança estabelecia seus primeiros contatos e assim iniciava sua vida social. Embora não fosse direto em suas afirmativas, Arthur Ramos procurava demonstrar que a forma de organização familiar ideal para o pleno desenvolvimento infantil era a monogâmica. O médico Stekel de quem o antropólogo brasileiro muitas vezes de referiu compartilhava plena desta idéia.

Os pais servem de exemplos aos filhos; seu comportamento é, pois, decisivo para eles. Porém como educar gerações sadias quando o próprio educador não o é? Estigmatizar-me-ão talvez com a pecha de “moralista” porque sempre encarei a monogamia como única solução ética para o casamento. O autor que consagrou sua vida ao estudo das aberrações sexuais, e a quem nada do humano lhe é estranho, poderá agüentar esta crítica (STEKEL, 1962, p. 6).

A monogamia era vista como a chave de uma vida familiar saudável, onde os filhos poderiam se desenvolver completamente. Ramos chamava a atenção para o fato de que as crianças não nascem seres sociáveis. Somente no contato com outras pessoas elas iam construindo novas relações aprendendo a conviver com as demais pessoas. A família era tida como um grupo social básico e nela um conjunto de “forças biológicas, psicológicas, sociológicas e culturais atuam sobre o indivíduo, com uma intensidade extraordinária” (Ramos, 1952, p.249). Por este motivo o grupo familiar chamava tanto a atenção do médico alagoano e de outros intelectuais, como veremos mais à frente. Como unidade que possuía tanta influência sobre a formação do menor, era preciso que ela fosse acompanhada de perto, pois como veremos os pais eram os grandes responsáveis pelo comportamento dos filhos. Uma das funções do serviço chefiado por Ramos no Departamento de Educação do Rio de Janeiro era estudar a origem social das crianças e do lugar de onde vinham, pois tudo isso influía diretamente no seu desempenho escolar da criança.

É o que o Serviço de Higiene Mental do Departamento de Educação do Distrito Federal vem realizando nas suas indagações sobre a vida extra classe da criança, no sentido de estabelecer uma psicologia diferencial da criança da cidade e da criança das praias; da criança dos morros; dos níveis de vida e das condições ambientais da criança que mora em casa individual e casa coletiva; em apartamentos ou casa de “cômodos” e “favelas” (RAMOS, 1952, pp. 250-251).

Não foi possível identificar os objetivos deste estudo sobre as moradias das crianças feito por Ramos. Se haveria uma reorganização curricular, didática ou pedagógica das escolas públicas em função destas pesquisas realizadas pelo serviço de ortofrenia, também não foi possível precisar. Provavelmente o curto período de funcionamento do órgão não teria permitido que experiências do gênero fossem tentadas. O fato era que a atuação do referido serviço poderia fornecer subsídios para se

repensar o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas e assim redirecionar a ação do Departamento de Educação na época conduzido por Anísio Teixeira.

De qualquer forma havia uma nítida preocupação em intervir no sentido de apoiar esta instituição reguladora e normativa que era a escola e que tinha uma grande responsabilidade na formação das crianças que seriam futuros adultos. O grau e intensidade desta intervenção dependiam de um estudo cientificamente embasado e preciso em suas conclusões e que apontasse para os mecanismos mais eficientes de resolver os problemas identificados nos trabalhos de pesquisa ali realizados:

Psicologicamente a escola continua o trabalho da família com que vem hoje intimamente unida. Ela é assim um processo socializante, visando integrar o indivíduo na comunidade, recapitulando os resultados da experiência social e transmitindo-lhe os padrões do grupo social e cultural a que pertence. Mas a escola de acordo com a concepção hodierna da educação, não é apenas uma guardiã da tradição ou uma perpetuadora dos padrões sociais presentes. Ela opera uma recapitulação da experiência para sua reconstrução (Dewey). Por isso ela é um instrumento consciente de aperfeiçoamento social; a sua tarefa é orgânica, vital, por excelência. A sua transformação técnica é reclamada pelas exigências desta fase histórica de profunda transição. Daí os debates encarnizados sobre a finalidade da escola e o problema agudo da pedagogia dirigida. É o trágico conflito da hora presente entre a educação para os quadros democráticos, e a educação “dirigida”, para Deus, para a Máquina ou para o Estado Totalitário (RAMOS, 1952, p. 252).

Aqui Arthur Ramos deixava muito claro seu apoio incontestável aos ideais escolanovistas. A grande função da educação era a transformação da realidade social, era a preparação para uma nova época histórica que estava para aflorar. Tratava-se da modernidade.

Conclusão

Ficaram evidentes as disputas ideológicas que ocorriam no campo intelectual pela definição de um modelo ideal de escola. Uma educação voltada a Deus e ao Estado Totalitário como queriam os católicos, ou uma educação dirigida para a democracia e para a construção de indivíduos autônomos como aspiravam os pioneiros da Escola Nova. Eis a grande marca do debate nos anos de 1930. Ficou muito explícita

a posição de Arthur Ramos como crítico do Governo Vargas, dessa forma a acusação de autores como Dávila (2006) de que ele havia colaborado com os projetos eugênicos do ditador era inconsistente e revelava um flagrante desconhecimento do nosso processo histórico.

Neste fragmento o médico alagoano sintetizava de maneira brilhante os principais objetivos da escola na opinião dos pioneiros da Escola Nova e seus embates com os católicos e o próprio governo de Vargas tido por ele como “totalitário”. Tratava-se de um momento único na história brasileira em que as possibilidades de avançar e adentrar na modernidade industrial e urbana era possível. Como também era admissível a manutenção de um modelo tradicional de educação conduzido pela mão forte da ditadura e apoiada pela Igreja Católica que se firmou como a alternativa adotada. A tão sonhada sociedade industrializada também se implantou, porém timidamente democrática, extremamente desigual e com uma educação repleta de rupturas, de reformas infrutíferas e de precários resultados.

Herdeiro direto do positivismo, Arthur Ramos procurava ser o mais fiel possível ao método científico. Havia uma compulsão por parte do pesquisador em coletar fontes, catalogar, classificar e identificar os diversos tipos de materiais. Mesmo em uma época onde havia pouca preocupação com o patrimônio histórico-cultural dos negros, em suas pesquisas antropológicas achava essencial estudar as diferentes culturas africanas no Brasil, percorrer sua trajetória desde a chegada da África e suas diferentes formas de adaptação ao novo lugar. Tudo isso como forma de preservar sua memória para as futuras gerações e também como forma de agregar as diferentes culturas que deram origem à nação brasileira. Embora não ficasse claro em suas obras, havia uma tentativa de mostrar ao mundo a possível “convivência harmoniosa” de negros, indígenas e brancos.

Além do trabalho cuidadoso das fontes de pesquisa, o médico alagoano tinha uma consciência muito clara sobre a condição provisória dos conhecimentos que produzia. Sabia que estava utilizando métodos e instrumentos de análise que uma determinada conjuntura histórica havia tornado possível e aquilo não era uma verdade absoluta, imutável, pois tudo como o próprio pensamento humano é passível de mudanças. A ciência estava sempre em constante construção.

Referências

DÁVILA, J. *Diploma de brancura*. São Paulo: UNESP, 2006.

LAGES, L. *Arthur Ramos e a sua luta contra o racismo*. Rio de Janeiro, 1997.

MOKREJS, E. *A Divulgação das primeiras idéias psicanalíticas no Brasil*. 1986.398 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo.

RAMOS, A *Introdução à psicologia social*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1952.

STEKEL, W. *A educação dos pais*. São Paulo: Mestre Jou, 1962.